

O BAIXO DESEMPENHO NA ESCRITA DE CRIANÇAS DE CLASSE MÉDIA SOB A ÓTICA DE SUAS MÃES

COLACIOPPO, Ana Carolina – PUC-SP

GT-13: Educação Fundamental

Agência Financiadora: CNPq

Introdução

No Brasil, as crianças e os adolescentes de situação socioeconômica não precária freqüentam, costumeiramente, durante a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, escolas privadas consideradas pela população brasileira, em geral, como melhor organizadas e equipadas, dispoindo de professores supostamente melhor pagos e melhor preparados. Entretanto Almeida (2007) ressalta que os pais melhor aquinhoados em termos econômicos também não conseguem evitar o fracasso escolar de seus filhos. Os recursos econômicos são necessários para uma escolarização bem-sucedida, no entanto, insuficientes para a construção de uma trajetória escolar prestigiosa. Nogueira (2004), em estudos baseados nos trabalhos de Bourdieu sobre a herança cultural, a relação entre o patrimônio cultural familiar e a escolarização, aborda o favorecimento econômico e a excelência escolar como um mito, mostrando que jovens oriundos das classes sociais favorecidas também apresentam trajetórias escolares acidentadas.

É esse universo de escolas privadas investigadas pelas autoras que aqui também se focaliza, embora com faixa escolar anterior e com famílias de frações de classe média.

Esta comunicação representa uma parte de uma dissertação que tratou do desempenho escolar insatisfatório de alunos na escrita em Língua Portuguesa na quarta série do ensino fundamental em escola particular de bairro da cidade de São Paulo. Essa pesquisa é originária da preocupação com as desigualdades de desempenho escolar de crianças, da problematização que cerca o fato de crianças das mesmas turmas, que apresentam condições socioeconômicas satisfatórias, apresentarem desempenho escolar insuficiente e diferenciado na escrita.

Existem muitas pesquisas que trabalharam com expressões do fracasso escolar nas redes públicas de ensino. Já sobre o mesmo tema, na escola particular, em que ocorrem situações de insuficiência de rendimento, há alguns estudos, mas existem

dificuldades cotidianas que ainda necessitam ser estudadas para possibilitar a compreensão ampliada desse cenário.

Vale ressaltar, inicialmente, que as escolas freqüentadas por frações da classe média constituem a imensa maioria das escolas privadas distribuídas pela cidade de São Paulo.

A pesquisa visou buscar informações para analisar fatores que delimitam o insucesso escolar de crianças de quarta série no que se refere à escrita e às estratégias propostas pelos profissionais que trabalham na escola (campo empírico da pesquisa) para a superação do mau desempenho.

No início do projeto foram verificados alguns índices relacionados a desempenho escolar, tais como os produzidos em avaliações nacionais da educação básica e sobre aprovação e reprovação expostos em censos. Em decorrência das diferenças encontradas no que tange às proporções de alunos considerados com índices de mau-desempenho entre as escolas das redes públicas e privada, trabalhou-se com a perspectiva de Charlot (1996) e Lahire (2004), que ressaltam a importância da análise dos desempenhos escolares marginais de crianças de determinadas classes sociais, resultados que ultrapassam a perspectiva estatística. Nesse contexto, os dados coletados referem-se a estudo sobre alunos de turmas que freqüentaram uma escola privada situada em distrito bem avaliado (Sposati, 2000) na cidade de São Paulo. Os procedimentos para a coleta de dados foram entrevistas com professoras, mães e alunos; análise de produções de textos, utilização de atividade-teste para verificar desempenho em leitura e escrita.

Assim, este trabalho é parte de um estudo maior realizado em 2006 e 2007 que se dedicou a estudar o desempenho na escrita de crianças de classe média que freqüentavam escola privada. O objetivo central desta comunicação é analisar as manifestações das mães das crianças ao julgar elementos relacionados ao baixo desempenho na escrita e as influências dessas considerações no que tange ao desempenho dos alunos. Pretende-se descrever e analisar as condições em que se produzem esses desempenhos e as relações com as interferências familiares na escola.

A escola e o desempenho dos alunos

A escola privada selecionada para a realização da pesquisa fica em um bairro típico de classe média da Zona Norte da cidade de São Paulo. Não é um bairro homogêneo, pois as famílias – embora de classe média – variam em condições econômicas, culturais e demográficas. Isso se reflete na vida diária da escola.

De acordo com as observações realizadas no campo empírico e as informações expostas nos planejamentos das aulas verificou-se que condições estão presentes para analisar o desempenho. Os alunos têm contato com diferentes tipos de textos, principalmente escritos. Eles fazem atividades de interpretação e compreensão de diversos tipos de texto, redigem textos, fazem exercícios em que o conteúdo da gramática é trabalhado, têm contato semanal com os materiais da biblioteca da escola.

Na escola estudada verificou-se que a avaliação é formativa, a reprovação tornou-se rara, mas pode ocorrer quando as ações desenvolvidas não geram resultados positivos. Existe a preocupação constante com o aluno que vivencia situações que expressam algum fracasso, de maneira que os profissionais da escola agem durante os bimestres na tentativa de superar tais dificuldades.

Em Língua Portuguesa, os alunos são avaliados, essencialmente, pela produção escrita abrangendo o conteúdo e, principalmente, a forma escrita de textos redigidos a partir da leitura de livros e textos; pela discussão sobre determinados conteúdos e interpretação de textos. Também são avaliados pela interpretação oral de textos trabalhados em sala de aula.

As habilidades de escrita e de leitura são essenciais à aprendizagem dos conteúdos trabalhados não apenas em Língua Portuguesa, mas também noutras disciplinas escolares e, portanto, são de compreensão indispensável para o bom desempenho dos alunos. Então, é plausível afirmar que as crianças que não apresentam bom desempenho nos trabalhos desenvolvidos na disciplina Língua Portuguesa têm grande probabilidade de ter o desempenho comprometido durante a aprendizagem dos conteúdos trabalhados nas outras disciplinas escolares em que a leitura, a compreensão de textos e a escrita do aluno são avaliadas.

Os principais problemas encontrados nas produções dos alunos selecionados pelo baixo desempenho apresentado são referentes, de acordo com as categorias de erros expostas por Zorzi (1998), à omissão de letras e sílabas, troca de consoante surda por sonora, troca de letras decorrente da possibilidade de representação múltipla, acentuação, troca de letras maiúsculas por minúsculas, generalização das regras, aos erros de concordância, à aglutinação e separação de palavras, e, de acordo com

Sborowski (2003), referentes à justaposição de enunciados sem marca de conexão explícita e falta de pontuação.

A maioria dos alunos das duas turmas de 4ª série observadas – sendo uma composta por menos de vinte alunos e a outra por pouco mais de vinte alunos - vivenciou processo de escolarização nas séries iniciais do ensino fundamental que propiciou às professoras considerá-los em estágios de compreensão da linguagem escrita e de outros conteúdos trabalhados nos componentes curriculares adequados à série freqüentada. Entretanto, as crianças selecionadas – duas de cada turma de 4ª série observada - não vivenciaram processos de aprendizagem com os mesmos aspectos. Apesar de todas as ações docentes e familiares a fim de que apresentassem um bom desempenho escolar no que tange à escrita, continuaram revelando problemas pautados em questões relacionadas à construção de textos coesos e coerentes com presença de erros ortográficos, principalmente do tipo considerado como de representação múltipla.

Apresentando as manifestações das mães

Juliano

Juliano é filho único e, na época em que as entrevistas foram realizadas, tinha dez anos e morava com o seu pai e a sua mãe, que tinham mais de cinquenta anos, e com a pessoa responsável pela limpeza de sua casa. Ele residia em bairro vizinho ao em que ficava a escola em que estudava, em moradia de tamanho razoável, tendo um dormitório somente para ele, computador, livros infantis, entre outros recursos materiais que podem ser úteis no processo de escolarização.

Juliano apresentava baixo desempenho na escrita e os principais problemas encontrados nas suas produções foram referentes à presença de erros ortográficos, de pontuação durante a elaboração de textos, comprometendo o entendimento do leitor.

A mãe de Juliano – que trabalhava como assistente social - acompanhava o desempenho escolar do filho, manifestando empenho para solucionar os problemas enfrentados. Ao ser entrevistada, revelou o que pensava sobre o desempenho de seu filho na escrita.

Ele tem uma bagagem boa, tem uma cultura muito boa, só tem dificuldade pra passar pro papel. Tudo que se trata de pôr no papel, ele tem dificuldade. Ele é hiperativo.

Ah, desde pequenininho, ele é muito inteligente, ele conta coisas que acontecem, é que eu não sou muito boa de guardar nomes, coisa romana, essas coisas difíceis, não do dia-a-dia. Ele vê em desenho e conta pra mim como era. Até parece que ele é bobinho, devagar, mas ele não é. Ele não põe em prática, entendeu?

É muito imaturo, não parece que já está na quarta série.

Ele toma Ritalina, sob orientação do neurologista. No entanto, o acompanhamento do neurologista foi buscado em decorrência das considerações a respeito do garoto realizadas por um médico pediatra pertencente à família.

Nesse caso, a mãe já tinha a expectativa de que o filho apresentaria problemas na escola, já que ela levava o filho ao neurologista, aceitava que ele precisava desse acompanhamento e da medicação indicada.

O garoto disse que gostava de ler porque lendo aprendia a escrever e conhecia novas histórias, contrariando as afirmações de sua mãe referentes ao fato do garoto não gostar de ler. No entanto, o garoto revelou que não gostava muito de escrever porque tinha muita dificuldade e percebeu isso ao saber as suas notas em Língua Portuguesa. Certamente verificou que as expectativas que se tinha sobre ele estavam se confirmando, reforçando a idéia de que sua cansaça no estudo, seus remédios interferiam nisso que demandava esforço.

Nota-se que o rótulo da hiperatividade foi usado para marcar Juliano, já que ele era esforçado, recebia auxílio de seus pais e da professora. Nessa perspectiva, Collares e Moysés (1997) apontam que a crença no determinismo biológico permite a aceitação de que a vida de um indivíduo está definida por seus genes. Assim, boa parte dos fenômenos sociais tornam-se consequência da formação genética dos sujeitos.

No que tange aos movimentos da medicina e, mais especificamente da pediatria, envolvidos no caminho percorrido pelo conceito de hiperatividade, Schechter (apud

Sucupira)¹ aponta que nos Estados Unidos, em 1918, posteriormente a uma epidemia de encefalite letárgica, concluiu-se que o comportamento diferente - basicamente falta de atenção e hiperatividade - das crianças sobreviventes seria decorrente de lesões anatômicas no cérebro causadas pela doença. A partir de então, nota-se na literatura a tentativa de extrapolação desse dado, observando-se que crianças com comportamento parecido deveriam ter uma lesão cerebral. Ocorreu a tentativa de criar uma associação com traumas no parto ou meningite que justificasse alguma alteração orgânica. Como muitas crianças não tinham história de problemas neurológicos, foi sugerido o conceito de uma lesão cerebral mínima como base desses distúrbios de comportamento. A partir da década de 1950, o conceito de uma síndrome hipercinética foi estruturado, ou seja, a hiperatividade somada à falta de atenção, impulsividade e outros sintomas passaram a constituir uma entidade clínica passível de tratamento medicamentoso. O uso de drogas no tratamento da hiperatividade passou a ser difundido com fundamento na constatação empírica de que algumas crianças “melhoravam” com o uso de calmantes ou drogas estimulantes.

Entretanto, Sucupira (1985) ainda aborda a constatação de que não foi detectada alteração orgânica – no eletro encefalograma, nos raios X de crânio, na ultra-sonografia ou na tomografia computadorizadas - que possa ser considerada como hiperatividade. Assim, o conceito de lesão foi alterado para o de disfunção, não sendo mais uma alteração anatômica, mas alterações mínimas na função cerebral, com influências apenas sobre o comportamento da criança. Tal fato fez com que um eletro encefalograma alterado, de forma inespecífica ou com alterações compatíveis com a normalidade, fosse suficiente para justificar o uso de medicamentos. Como se vê, desde longa data esses comportamentos vêm sendo focalizados e suas abordagens vêm sendo difundidas sobretudo para as famílias que têm acesso a tais informações.

Na abordagem da temática da hiperatividade - distúrbio de comportamento frequentemente diagnosticado na criança - , Sucupira (1985) afirma que a hiperatividade pode ser vista como expressão da inadequação do sistema escolar às crianças. Assim, o modelo clínico neutraliza ou ignora os conflitos de âmbito social ao definir o comportamento como sintoma de uma doença ou de uma disfunção cerebral. A medicalização é uma forma de controle social. Nesse contexto, vale mencionar que Collares e Moysés (1997), em pesquisa sobre a medicalização do processo ensino-

¹ Sucupira se refere ao texto *The baby and the bathwater: hyperactivity and the medicalization of child rearing*, de Schechter, N. L., publicado em 1982.

aprendizagem, escutaram as opiniões de profissionais da educação e da saúde acerca das causas do fracasso escolar, constatando que todos os entrevistados centram as causas do fracasso escolar nas crianças e nas suas famílias, todos se referem aos problemas biológicos como os motivos da não-aprendizagem na escola.

Ainda no contexto do cientificismo valorizado pelas famílias de classe média, os aspectos abordados pela professora e pela mãe de Juliano, em relação à situação vivenciada por Juliano, nos remetem à conduta de classe média abordada de outro ângulo por Dias da Silva (1986) em pesquisa realizada com mães. A autora ressalta que as mães que criaram seus filhos entre 1970 e 1980 (últimas décadas abordadas pela autora no estudo) passaram a valorizar a leitura de publicações sobre a criação dos filhos, como jornais, manuais ou revistas femininas. Essas mães buscaram a orientação do psicólogo, do médico pediatra ou do professor por acreditarem que esses profissionais tinham mais conhecimento porque estudaram mais, possuíam mais informações e experiência com crianças. Elas nortearam-se em um ideário mais científico, legitimando as orientações de especialistas e de manuais. Trata-se de mães de classe média com acesso às leituras e a esses profissionais.

Leandro

Leandro já tinha onze anos. Vivia com o seu pai, de quase cinquenta anos, com a sua mãe, de pouco mais de quarenta anos, e com a sua irmã, de doze anos. Leandro morava em apartamento próximo à instituição em que estudava, de bom tamanho e conforto para a sua família. Sua mãe não trabalhava fora do lar e ficava o dia todo à disposição de seus filhos.

A mãe do Leandro revelou que seu filho tinha dificuldade para aprender, considerando que seu filho estudava bastante e esforçava-se muito para entender os conteúdos das aulas. E de fato, ele esforçava-se bastante durante as aulas, questionava a professora freqüentemente, sentava próximo à sua mesa para facilitar a busca da ajuda, ficava muito irritado quando não conseguia terminar as atividades propostas em sala de aula.

Ela expôs que seu filho foi avaliado e precisava de acompanhamento fonoaudiológico. Leandro iniciou alguns tratamentos de saúde, mas não deu continuidade em decorrência de não ter gostado da fonoaudióloga, e, em outra ocasião,

o motivo foi relacionado à dificuldade financeira para a sua mãe arcar com os custos da profissional, e, ainda noutra vez, a razão foi a falta de tempo de sua mãe.

Leandro apresentava baixo desempenho em decorrência de problemas referentes às questões relacionadas à produção de textos coesos e coerentes com presença de erros ortográficos, principalmente do tipo considerado como decorrente da possibilidade de representação múltipla.

As manifestações expostas pela mãe remetem a condições biológicas e, em outra esfera, reiteram a ideologia do dom que, para Ireland *et al* (2007), ainda está presente nos discursos, pois está enraizada na ideologia profissional. Ao se considerar o fracasso escolar relacionado ao dom, as características supostamente naturais são atribuídas ao aluno e, assim, pensa-se que essas condições o impedem de apresentar o mesmo desempenho de outros alunos da mesma turma.

Os problemas relacionados ao desempenho de Leandro foram atribuídos às características supostamente naturais das crianças, assim como os de Juliano.

Segundo Bisseret (1979), a noção de aptidão passou a ser um suporte para justificar a manutenção das desigualdades sociais e escolares posteriormente à Revolução Francesa. Como a sociedade e as instituições de ensino foram consideradas como igualitárias, as características supostamente naturais do ser humano passaram a ser os motivos geradores das desigualdades. A ideologia do dom foi legitimada por meio das descobertas científicas, como antropometria, biologia e ciências humanas. A idéia de aptidão possibilitou a tentativa de conceitualização no ramo da psicologia diferencial, que tentou dar uma definição científica à noção de aptidão. O conceito de aptidão aparece numa corrente de pesquisa caracterizada por uma prática empírica, a seleção escolar e profissional, que têm suas técnicas criadas sobre a demanda social submetida a interesses.

Nota-se que essa noção ainda está presente nas justificativas apresentadas para se manifestar sobre o fracasso de crianças com situação socioeconômica satisfatória.

Marcelo

Marcelo já tinha onze anos, era filho único, morava com sua mãe, de pouco mais de trinta anos, com uma pessoa que cuidava da limpeza de sua casa e dele e com o

marido de sua mãe, de pouco menos de quarenta anos, considerado como pai pelo garoto, pois Marcelo não conheceu o pai em decorrência dele não tê-lo assumido como filho.

Marcelo morava no mesmo bairro em que estudava, em casa confortável e ampla para o número de pessoas que nela residia, com espaços para Marcelo brincar com os amigos, como quintal, garagem. A mãe de Marcelo trabalhava no setor de gerência de uma empresa e seu padrasto, que era pós-graduado, trabalhava como técnico na área da informática de uma empresa.

A mãe de Marcelo, além de trabalhar o dia todo, estudava no período noturno. Marcelo ficava em casa com uma pessoa que cuidava dele e do serviço doméstico. Segundo a mãe de Marcelo, a pessoa que cuidava de seu filho não estudou, portanto não podia auxiliar o garoto nas tarefas escolares.

Os principais erros encontrados nas produções de Marcelo são referentes à organização na produção escrita de textos, aos erros de concordância e de pontuação, à troca de consoante surda por sonora, às trocas de letras decorrentes da possibilidade de representações múltiplas, à acentuação.

Ao ser questionada a respeito do acompanhamento dos estudos de Marcelo, a mãe do garoto revelou:

Eu tento, a sorte minha é que as provas dele vieram depois das minhas; eu tento, mas quando é na mesma semana, eu não consigo, meu marido tenta vir cedo, pergunta alguma coisa.

A respeito do esclarecimento de dúvidas referentes a conteúdos já explicados pela professora em sala de aula:

Geralmente ele não me passa nada, então eu pego o caderno, quando eu vejo que tem muita coisa errada no caderno, aí eu venho, sento com ele e vejo. Quando ele não sabe fazer a lição de casa, ele pergunta por telefone, mando ele pegar o dicionário, fico no telefone, espero, eu faço assim. Eu estou distante, é o máximo que eu consigo fazer.

Quando não vou pra faculdade chego em casa cedo, por volta de seis e meia, sete horas, então eu fico um bom tempo com ele.

Quando vou pra faculdade, chego em casa e ele já está dormindo.

A mãe de Marcelo apresentava expectativas diferenciadas e positivas em relação ao desempenho do filho. Ela atribuía o mau desempenho do filho à rotina que vivenciava – ficando fora de casa durante os três períodos - e acreditava que o filho estava se adaptando à situação e, portanto, obtendo melhores resultados.

Tive reclamações da professora e pedi paciência, quando eu não tava fazendo faculdade ele ia bem, eu sei que é por minha causa, mas eu prefiro sacrificar agora do que mais tarde, que ele vai precisar mais de atenção e eu não vou poder dar. Eu já estou terminando, mas ele está melhorando, está sabendo se comportar.

Considerava que o trabalho com o conteúdo estava sendo desenvolvido de modo satisfatório na instituição que escolheu para o seu filho estudar, responsabilizando o filho pelo baixo desempenho apresentado.

Ele reclama, mas eu não acho exagero, até porque se ele for para a faculdade é pior, então ele tem que aprender as coisas, eu acho que a criança tem que ter responsabilidade como adulto. O meu filho fica muito tempo sozinho, então eu tento dar certa responsabilidade pra ele. Eu mostro pra ele, eu trabalho, eu estou estudando.

-Você só estuda, então eu acho que não é uma dificuldade. Você aprende ou reclama um tanto de coisa, você tem que aprender.

Diante dessas manifestações Lahire (2004) traz contribuições à análise da situação vivenciada por Marcelo. De acordo com o autor, a presença objetiva de um capital cultural familiar não tem sentido se esse capital cultural não for colocado em condições que possibilitem a sua apropriação. As pessoas que apresentam as disposições culturais susceptíveis de ajudar a criança - como é o caso da mãe de

Marcelo e do seu marido - muitas vezes não dispõem de tempo e oportunidade para gerar efeitos de socialização. Os indivíduos, muitas vezes, não conseguem construir os dispositivos familiares que tornariam possível ensinar conhecimentos ou disposições úteis na escola. Com capital cultural igual, dois contextos familiares podem gerar situações escolares muito diferenciadas naquilo em que o rendimento escolar dos capitais está relacionado às configurações familiares.

Bruna

Bruna tinha dez anos, era filha caçula e morava com o seu pai e a sua mãe – de idade próxima de cinquenta anos -, o seu irmão e uma pessoa que era responsável pelo serviço de limpeza da sua casa.

Ela morava em bairro vizinho ao em que estudava, em casa bastante ampla para o número de pessoas que nela viviam, com espaços reservados para as brincadeiras infantis; tinha um quarto somente para ela, com escrivaninha e computador. Sua mãe não trabalhava e seu pai, que cursou o ensino superior, trabalhava no setor de gerência de uma empresa.

A aluna apresentava problemas de rendimento escolar no que se refere aos conteúdos trabalhados principalmente na escrita em Língua Portuguesa.

Bruna revelou que gostava de ler porque achava os livros interessantes, apreciava os desenhos e as histórias engraçadas, sem mencionar algum tipo de dificuldade que sentia para ler ou escrever.

No entanto, sua mãe considerou que:

A Bruna tem dificuldade em todas as disciplinas porque não sabe escrever.

Ela não gosta de ler. Tem vergonha porque ela lê muito errado. Então ela tem vergonha de ler alto. E eu faço ela lê alto. Pra poder ouvir e corrigir. Ela lê porque precisa. Ela tem dificuldade, não é que ela não gosta, ela parou de mamar agora porque eu joguei fora a mamadeira, ela está falando tudo errado. Quando as amigas vão em casa ela esconde a mamadeira. Eu acho que ela lê e escreve errado por causa da

mamadeira que prendia a língua. Ela já fez fono, fez dois anos de fono antes de entrar aqui e teve alta. A fono dizia que era problema mesmo porque ela não mamou no peito, de ter que logo pegar a mamadeira, não largou a chupeta tão cedo. Ela está falando errado demais. Eu não agüento, a língua dela está mole. Ela tem dificuldade de falar. Ela fica no MSN e pergunta como escreve as palavras. Ela tem dificuldade.

Apesar da opinião da mãe, Bruna sabe escrever. Apresentou erros ao longo do ano, trocas de letras, principalmente decorrentes da possibilidade de representações múltiplas; ortográficos decorrentes de apoio na oralidade, mas conseguia redigir uma história articulada, expondo sua mensagem ao leitor.

Neste caso, a mãe também já tinha a expectativa de que a filha apresentaria problemas na escola.

Ao falar sobre a criação de filhos, a mãe de Bruna expôs aspectos referentes ao desempenho de sua filha.

A educação. É o que falta para as minhas crianças. Horário de dormir, horário certo de comer, não vai sair durante a semana, porque lá em casa eu falo não e meu marido fala sim e eles acabam saindo, voltam tarde. Lá não (com os seus pais – avós da Bruna), um falava não, os dois não. E a educação, puxa, eu pago escola. E eles não tão nem aí:

- Ah, se eu repetir, eu faço de novo.

Eu quero ver um monte de zero esse ano então, porque eu não vou pagar professora particular. A Bruna fez recuperação já. E está fraquinha ainda.

Ao falar sobre a sua criação, a respeito do que os seus pais lhe propiciaram de mais importante, a mãe de Bruna considerou que há falhas na educação de seus filhos, o que influencia no sentido, no valor que Bruna e seu irmão atribuem à escolarização. Nessa perspectiva, Lahire (2004) traz contribuições para refletir sobre a situação vivenciada por Bruna ao afirmar que as configurações familiares influenciam as

situações escolares. Nota-se neste caso o que o autor chama de indulgência, pois a mãe de Bruna revelou não conseguir impor limites na educação de seus filhos, aspecto que pode moldar o tipo de compromisso que as crianças apresentam em relação ao estudo.

A mãe de Bruna buscou uma escola que exigisse mais de seus filhos no que tange aos estudos:

Antes de vir pra cá, ela estudava no C (outra escola privada situada na mesma região da escola selecionada) e a escola não tinha prova, não tinha nada. Eles não estudavam e passavam. Ficou muito cômodo, tanto que quando veio pra cá foi uma dificuldade terrível. Até entender que tinha prova, não sabiam o que era isso. Então eu resolvi procurar outra escola. Não dava mais, eu tinha muitas reclamações do meu filho, mas ele recebia notas ótimas, então eu não entendia porque vinha tanta reclamação se as notas eram tão boas.

Para tentar acompanhar o ritmo do trabalho desenvolvido na escola (campo empírico da pesquisa), Bruna cursou aulas particulares de Português.

Então, nos últimos dois casos abordados, as manifestações referem-se principalmente a questões às quais não foram encontradas justificativas plausíveis que convencessem os agentes da escola de que as crianças apresentavam algum tipo de problema biológico. Então, as justificativas a respeito do baixo desempenho em escrita expostas relacionam-se a influências do ambiente no qual as crianças vivem, como a falta de limite em relação à disciplina imposta pelas famílias quanto às rotinas da vida diária em casa.

Analizando...

Cabe lembrar neste item de análises o que Bourdieu (1998) apresenta sobre as taxionomias e os sistemas de classificação. Eles ocupam funções que não são de puro conhecimento; a prática implica uma operação de conhecimento, uma operação mais ou menos complexa de classificação, que nada tem em comum com um registro passivo, sem fazer disto uma construção apenas intelectual; o conhecimento prático é uma

operação prática de elaboração que impulsiona sistemas de classificação que organizam a percepção e o julgamento, e estruturam a prática. Gerados pela prática, esses esquemas de percepção, de julgamento e de ação que são adquiridos pela prática e utilizados na prática funcionam como operadores práticos por meio dos quais as estruturas objetivas das quais eles são resultados tendem a se reproduzir nas práticas.

Bourdieu e Saint-Martin (1998) estudaram avaliações francesas e revelaram que os julgamentos apresentavam-se melhores à medida que a posição social da aluna era mais alta. Os juízos foram relacionados com a origem social, sendo que as alunas foram avaliadas pela postura corporal, cultura geral, aparência física e por outros critérios externos que as pessoas adquirem no meio social em que vivem. Assim, a herança cultural de origem foi transformada em capital escolar. Noutra perspectiva, os julgamentos expostos neste trabalho estão relacionados com as condutas de classe média das mães das crianças e das professoras, com os padrões de comportamento e desempenho esperados para as crianças que convivem no âmbito abordado. Nesse sentido, os resultados escolares não são somente produtos da avaliação que os profissionais que trabalham na escola realizam em relação ao puro desempenho das crianças, mas são conseqüências, também, das expectativas, resultantes dos juízos criados no lar em que os alunos vivem, já que esses são periodicamente explicitados entre os agentes da escola. As avaliações levam em conta os elementos trazidos de fora, mas diferentemente do estudo de Bourdieu e Saint-Martin, não tratam de cultura geral e postura corporal, por exemplo, mas de critérios externos próprios dessa fração de classe e se referem a aspectos escolares, criando expectativas familiares transmitidas à escola. Ou seja, as manifestações das mães decorrem de um conhecimento prático adquirido ao longo dos anos sobre os filhos. É um conhecimento que molda a percepção da situação de ter que falar de seus filhos e classificá-los nos esquemas que já são freqüentemente veiculados. Trata-se de focalizar o desempenho escolar por meio de vários aspectos de condutas sem tocar nitidamente os centrais do processo: não se fala da aprendizagem, mas de tudo o que está ao redor que possa justificar a ausência dela.

A detecção dessas situações leva a considerações de Rosenthal e Jacobson (1981), para quem as expectativas podem configurar-se como profecias auto-realizadoras. Ou seja, quando é esperado que o aluno obtenha um tipo de resultado, foi aventado que a criança teria tal rendimento porque os resultados anteriores o indicavam, esse pode ser confirmado. É possível pensar que as expectativas docentes, geradas durante o tempo em que as professoras passavam com os alunos e os momentos que

conversavam com as famílias das crianças, podem ter influenciado o desempenho discente. Nessa perspectiva, ainda, considera-se que as expectativas das famílias também influenciaram o desenvolvimento dos alunos, já que essas classificações são transmitidas aos alunos e aos seus professores. Tais classificações decorrem das circunstâncias vividas pelas famílias. Ressalta-se o fato da família de Leandro ter vivenciado um problema grave, que impossibilitou o contato do garoto com o pai durante cerca de três anos, trazendo muita aflição à família. No caso de Bruna, sua mãe verificava problemas no que tange à educação de seus filhos, pois havia discórdia entre as suas considerações e as de seu marido no que tange à permissividade na criação dos filhos, de modo que seus filhos ficavam até muito tarde usando *Internet*, vendo televisão, dentre outras atitudes consideradas pela mãe como falta de limite na criação, aspecto que pode influenciar a relação das crianças com o estudo, o compromisso no que tange à apropriação dos conteúdos ensinados na escola, refletindo no sentido atribuído aos estudos (Charlot, 1996). Outro aspecto abordado pela mãe de Bruna a respeito da falta de limite na educação foi o de que seus filhos não se preocupavam com o fato de ela pagar a escola e terem a possibilidade da retenção na série, o que indicou que a preocupação com o desempenho escolar não foi veemente. A mãe de Marcelo considerou que o fato de seu filho ter ficado em casa sozinho com uma pessoa – que não estudou - que cuidava dele durante os períodos em que a escola não era freqüentada, e, portanto, permanecendo longe dela e de seu marido, sem receber auxílio em casa no que tange ao desenvolvimento de tarefas destinadas ao lar, atrapalhou o processo de ensino-aprendizagem de seu filho, pois ela recebeu reclamações. No entanto, pediu paciência às professoras, pois, naquela conjuntura, também não poderia modificar tal situação. Noutra perspectiva, a mãe de Juliano pareceu completamente envolvida pelas explicações médicas a respeito das possibilidades de desenvolvimento intelectual de seu filho, assim, criou expectativas de aceitação e justificativa referentes ao baixo desempenho escolar do garoto.

Considerações finais

As atuações das famílias foram consideradas como fatores que interferiram no desempenho escolar pelas entrevistadas quando não aconteceram de maneira a auxiliar no processo de aprendizagem.

A prática pedagógica não foi colocada em questão em momento algum, nem mesmo nos reforços ou nas recuperações paralelas. Como as professoras trabalharam com a avaliação formativa, recuperação paralela, as mães e professoras da escola acreditaram que os alunos tiveram muitas oportunidades para aprimorarem-se; essas professoras foram consideradas como bem-sucedidas pela comunidade escolar em decorrência da grande maioria dos alunos ter obtido bons resultados. Então, nos casos analisados, o problema do baixo desempenho dos alunos foi assumido pelas entrevistadas como conseqüência de um problema da criança, diagnosticado por outros profissionais externos à escola, ou de uma situação vivenciada pela família com periodicidade suficiente para influenciar negativamente o rendimento da criança, o que propiciou que as circunstâncias relacionadas ao baixo desempenho fossem aceitas tacitamente pelos atores da escola nas séries iniciais e os discursos pedagógicos e de outros profissionais que atuavam fora da escola ganhassem legitimidade. Esses aspectos fortaleceram a credibilidade criada a respeito da relação intrínseca entre a família e/ou as características supostamente naturais às situações de fracasso vivenciadas, ao mito do dom inexistente que possibilitasse o bom desempenho escolar.

No que tange às questões relacionadas às configurações familiares analisadas, merecem destaque alguns aspectos abordados pelas mães nas entrevistas, pois, na perspectiva de análise de Lahire (2004), cada indivíduo lida com situações que fazem com que aja de forma singular. O autor considera que as diferenças secundárias encontradas nas configurações familiares podem explicar melhor os resultados escolares. Os indivíduos, muitas vezes, não conseguem construir os dispositivos familiares que tornariam possível ensinar conhecimentos ou disposições úteis na escola e a compreensão a respeito da dinâmica interna familiar e das relações de interdependência afetiva e social é importante para o entendimento do quanto e como os capitais e *habitus* familiares são transmitidos. A presença objetiva de um capital cultural familiar não tem sentido se esse capital cultural não for colocado em condições que possibilitem a sua apropriação.

O fato de as famílias serem de frações de classe média e possuírem condições socioeconômicas satisfatórias para que suas crianças obtivessem um rendimento na escrita minimamente satisfatório não garantiram o sucesso escolar infantil. Apesar de todas as famílias que colaboraram durante a coleta de dados desta pesquisa terem investido na formação de seus filhos, apostado na escolarização como fator essencial ao

futuro bem-sucedido, os alunos apresentaram problemas relacionados ao baixo desempenho escolar.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Ana Maria F. 2007. A noção de capital cultural é útil para se pensar o Brasil? In: PAIXÃO, Lea Pinheiro e ZAGO, Nadir (orgs.) *Sociologia da Educação – Pesquisa e realidade brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BISSERET, Noelle. 1978. A ideologia das aptidões naturais. In: DURAND, José Carlos Garcia (org.). *Educação e hegemonia de classe – as funções ideológicas da escola*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- BOURDIEU, Pierre e SAINT-MARTIN, Monique de. 1998. As categorias do juízo professoral. In: NOGUEIRA, Maria A. e CATANI, Afrânio. *Pierre Bourdieu - Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes.
- BOURDIEU, Pierre. 1998. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria A. e CATANI, Afrânio. *Pierre Bourdieu - Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes.
- CHARLOT, Bernard. 1996. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 97, p. 47-63, maio.
- COLLARES, Cecília Azevedo Lima e MOYSÉS, Maria Aparecida. 1997. Inteligência abstraída, crianças silenciadas: as avaliações de inteligência. *Revista de Psicologia da USP*, São Paulo, v. 8, n. 1.
- DIAS DA SILVA, Maria Helena Galvão Frem. 1986. *A educação dos filhos pequenos nos últimos cinquenta anos: a busca do “melhor”?* São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado.
- IRELAND, Vera Esther (Coord.). 2007. *Repensando a escola: um estudo sobre os desafios de aprender, ler e escrever*. Brasília: UNESCO, MEC/INEP.
- JACOBSON, Lenore e ROSENTHAL, Robert. 1981. Profecias auto-realizadoras na sala de aula: as expectativas dos professores como determinantes não intencionais da capacidade intelectual dos alunos. In: PATTO, Maria Helena Souza (org.) *Introdução à Psicologia Escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- LAHIRE, Bernard. 2004. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática.

- NOGUEIRA, Maria Alice. 2004. Favorecimento econômico e excelência escolar: um mito em questão. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, nº 26, páginas 133 – 144, maio/agosto.
- SBOROWSKI, Luciana Rueda Souza. 2003. *Marcas de oralidade nas produções textuais dos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental*. Araraquara: Universidade Estadual Paulista. Dissertação de Mestrado.
- SPOSATI, Aldaíza (Coord.). 2000. *Mapa da exclusão –inclusão social da cidade de São Paulo - Dinâmica social dos anos 90*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- SUCUPIRA, Ana Cecília S. L. 1985. Hiperatividade: doença ou rótulo? *Cadernos CEDES*, São Paulo, n. 15, p. 30 – 43.
- ZORZI, Jaime Luiz. 1998. *Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico*. Porto Alegre: Artes Médicas.